

MARTIN HEIDEGGER: A QUESTÃO DA TÉCNICA

Constança Marcondes César

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Discutir a essência da técnica do ponto de vista metafísico, foi a tarefa que Heidegger se propôs na conferência de 1953, na Escola Técnica Superior de Munique.

No texto, o filósofo procura mostrar que para compreendermos o significado da técnica, não basta nos atermos à sua prática. Negar ou enfatizar o seu valor, ou mesmo encará-la como neutra, não nos explica o que ela é.

A técnica não pode ser apreendida se a definirmos como um meio para obter algo, como uma atividade humana. Tal concepção, que a encara como um **instrumento**, é freqüentemente aplicada ao saber moderno, construção humana. O homem deve tornar-se, segundo esta concepção, o senhor do mundo. Mas ainda aqui, não alcançamos a essência da técnica. Para tanto, não basta sabermos, **quem** fez realidade técnica, **para quem**, ou **como** foi feita. Compreender a técnica, é apreendê-la poeticamente.

Fazer algo emergir, conduzi-lo ao aparecer, isto é **poiésis**. Em grego, a palavra designava a atividade que engloba a fabricação artesanal e a obra de arte, e também a **physis**, enquanto produção do Ser.

Em que consiste o produzir, a **poiésis**, o fazer-vir? Em desocultar, desvelar o escondido. Esse desvelar, diz Heidegger, que os gregos chamavam de **alétheia**, os romanos denominavam **verdade**.

Nisso consiste a essência da técnica: desvelar, mostrar a verdade. A técnica, assim, não é apenas um meio para dominarmos a natureza; é, essencialmente, um modo da verdade.

Que significa a palavra **técnica**? Em grego, **techné** designa a **poiésis**, é algo de poético. Essa palavra vem associada a outra, **episteme** e ambas, **techné** e **episteme** indicam o conhecimento, em sentido amplo. Conhecer é desvelar. A técnica é um modo da **alétheia**. Que é a técnica moderna, construída sobre as ciências da natureza? Um desvelamento, uma provocação, um modo de tomar a natureza, de abrir e pôr à luz sua utilização; consiste na liberação da energia oculta na natureza e sua transformação. O homem realiza esse pôr à luz o fundamento do real; não cria esse fundamento, nem sua significação; apenas responde àquilo que se apresenta.

Perante esse destino, essa tarefa, o homem pode assumir duas atitudes: desenvolver apenas aquilo que se desvelou e que caracteriza nosso

mundo; ou buscar, de modo original, o significado das coisas. No caso da primeira atitude, o mundo técnico é tomado como um fim em si, e se torna ameaçador. Não é a técnica que ameaça o homem; é a essência da técnica; não as máquinas que são perigosas mas a eventualidade, implicada na própria essência da técnica, de o homem ater-se ao imediato e deixar de ouvir o apelo de uma verdade originária.

Heidegger, diz, entretanto, que nesse perigo mesmo que a técnica encerra, reside a possibilidade de salvação do homem. Porque salvar quer dizer: reconduzir à essência.

A ameaça e o escaparmos dela crescem lado a lado: se nos ativermos ao que há de essencial, sem nos ocuparmos dos objetos técnicos, podemos apreender aquilo que se desvela a nós na técnica: a emergência do verdadeiro no belo, a **poiésis**, o diálogo entre os deuses e os homens.

A essência da técnica comporta, assim, uma ambigüidade: o risco de nos prendermos ao mundo dos objetos e à possibilidade de habitar-mos poeticamente a terra.

Para compreendermos essa ambigüidade, é preciso seguir a trajetória da questão ao longo dos escritos de Heidegger.

A meditação sobre a técnica inscreve-se no período da **Kehre**, do segundo Heidegger, que pensa o **dasein** a partir do Ser.

Sobre a Essência da Verdade, de 1930; **Introdução à Metafísica**, de 1935; **"A Época das Concepções do Mundo"**, de 1938, são textos que antecipam a conferência de 1953. Neles, Heidegger procura relacionar a questão da verdade e da técnica com a compreensão que o homem tem do mundo.

Os textos de 1930 e 1935, vinculam a essência da liberdade à essência da verdade, compreendida esta como o desvelamento do ser, retorno e evocação da origem, do mistério. Pastor do ser, guardião da verdade, o homem — centrado no mundo dos entes — apreende o acontecimento da **alétheia**. Essa liberdade, essa possibilidade de apreender o ser, vão ser discutidas em relação com a ambigüidade da atitude perante a técnica.

Analisando metafisicamente a atual concepção do real, nosso filósofo mostra que este é compreendido como o **objetivo**, o objetivado por um sujeito. Esta objetivação, que faz recuar o sentido espiritual do mundo, encontra sua expressão máxima na **técnica**. Vivemos o que Heidegger chamou de época da **técnica planetária**, da pura habilidade, do mero engenho. É o tempo de carência, de fuga dos deuses, é o tempo da razão calculadora e da ruptura com o mundo do espírito. Essa ruptura ameaça a

própria essência do homem, que consiste em manter-se aberto ao sagrado, ao ser.

A reflexão sobre a técnica deve pôr em evidência que para além do mundo tecnificado, sob os objetos, algo nos interpela; deve, ainda, refrear o obscurecimento do mundo, a perda do sentido, o ater-se às aparências, recuperando a verdade dos entes.

O sentido autêntico da técnica, assim alcançado, "é um ver que ultrapassa o que é dado de modo objetivo, e assim se torna princípio de origem, permanência e consistência¹. Estranho ao mundo dos entes, o homem tem de arrancá-los de sua ordem e instaurar um sentido. É esse "aprisionar e domar que constotuem, em si mesmos, a abertura, o espaço livre que revela o ente **como** mar, **como** terra, **como** animal (...)" ². "Essa abertura e manifestação do ente constitui o vigor que o homem tem de disciplinar (...)" ³.

A técnica é um saber, que pode fazer emergir a compreensão do ente como totalidade. A tarefa do homem é assumir esse saber, mediante o qual põe à luz do Ser.

O que nos ameaça "(...) é a essência inapreendida da técnica" ⁴, a objetivação do mundo que oculta a sua essência;" (...) é a opinião, segundo a qual, a produção técnica porá o mundo em ordem (...)" ⁵. É o esquecimento do Ser, do sentido originário do real.

Refletindo, cabe-nos converter a ameaça em libertação, o esquecimento em **alétheia**.

Pois esse é o destino do homem: pôr-se à escuta daquilo que é.

NOTAS:

(1) Heidegger, **Introdução à Metafísica**, R. J., Tempo Brasileiro 1969, 2ª edição, p. 181.

(2) Id., p. 179.

(3) Id., Ibid.

(4) Heidegger, "A Época das Concepções do Mundo", in **Chemins qui ne mènent nulle part**, Paris, Callimard, 1962, p. 238.

(5) Id., p. 240.